MORTE FETAL E RUPTURA UTERINA ASSOCIADOS AO USO DE CONTRACEPTIVOS À BASE DE PROGESTERONA EM GATA - RELATO DE CASO

Lívia Pagotto MATOS[1]; Maria Beatriz Nascimento da SILVA[2]; Kaillane Alves de LUCENA[2];

1 – Médica Veterinária, Universidade Federal do Espírito.

2 – Estudante de graduação, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

liviapm2002@gmail.com

RESUMO

O uso de progestágenos em gatas, embora ainda difundido pela facilidade de aquisição e aplicação, representa importante fator de risco para afecções reprodutivas e sistêmicas, contrastando com intervenções cirúrgicas de esterilização, apontadas como métodos preferíveis para o controle reprodutivo de animais de companhia. À luz desse cenário, o presente trabalho teve como objetivo discutir a relevância clínica e preventiva do tema por meio de um relato de caso, evidenciando como o emprego inadequado desses fármacos pode culminar em desfechos graves no trato reprodutivo feminino. Como resultados, observou-se parto complicado por dilatação insuficiente da cérvix, ruptura uterina e morte fetal, achados compatíveis com as descrições em literatura. Tais alterações reforçam que a administração de progestágenos durante fases reprodutivas inadequadas ou em situações contraindicadas pode desencadear desde hiperplasia mamária, piometra e alterações metabólicas até quadros obstétricos e uterinos de elevada gravidade, com potencial de urgência cirúrgica. Depreende-se, portanto, que a discussão desse tema é indispensável na clínica de animais de companhia, pois evidencia como o uso indiscriminado de contraceptivos hormonais está longe de ser uma prática inócua, exigindo criteriosa avaliação clínica, respeito às contraindicações e preferência por métodos mais seguros, a fim de prevenir iatrogenias e preservar a saúde reprodutiva de felinas.

Palavras-chave: Aborto; Distocia; Medicina Felina; Progestágenos; Vacina anti-cio;

INTRODUÇÃO

A puberdade das gatas costuma ocorrer por volta dos 9 a 10 meses, e sua atividade reprodutiva é influenciada pelo fotoperíodo, com maior manifestação do ciclo estral em períodos de maior luminosidade diária. A progesterona, hormônio produzido naturalmente pelo corpo lúteo e pela placenta, é importante para a manutenção da gestação, enquanto os progestágenos sintéticos são empregados para suprimir ou postergar o estro (Montanha *et al*., 2012).

Do ponto de vista farmacológico, os progestágenos são derivados sintéticos da progesterona e atuam ao se ligarem aos receptores de progesterona nos tecidos-alvo, reproduzindo o efeito biológico do hormônio endógeno com maior potência. Seu principal efeito contraceptivo decorre da supressão dos sinais de estro e da prevenção da ovulação, em especial por reduzirem a frequência dos pulsos de GnRH e, consequentemente, a secreção hipofisária de FSH e LH, interrompendo o desenvolvimento e a maturação folicular. (Romagnoli, 2015).

Dentre os compostos citados para felinos, destacam-se o acetato de megestrol (MA) e o acetato de medroxiprogesterona (MPA), além de proligestona, levonorgestrel, clormadinona, delmadinona e altrenogest. São comuns formulações injetáveis de MPA 50 mg/ml em dose única para gatas e apresentações orais de acetato de megestrol. Contudo, o MA é descrito como progestágeno de curta ação, com meia-vida de poucas horas, enquanto o MPA apresenta duração muito mais prolongada, com meia-vida de 12–17 horas por via oral e de 40–50 dias por via intramuscular. Protocolos com MPA puderam manter supressão do estro por meses, enquanto o efeito do MA foi descrito como mais breve e variável (Papich, 2021).

Entretanto, esses fármacos podem desencadear efeitos adversos relevantes e, por isso, sua administração é contraindicada no proestro, estro e metaestro, pois, nessas fases, não impede a prenhez e ainda pode desencadear morte fetal em decorrência de relaxamento cervical inadequado. Dentre os principais efeitos colaterais descritos estão supressão adrenal, atrofia adrenal, polidipsia/poliúria, diabetes mellitus, piometra, alterações uterinas, distocias, morte fetal, hiperplasia e neoplasia mamária (Ackermann *et al*., 2024; Montanha *et al*., 2012).

A progesterona e os progestágenos exógenos participam do desenvolvimento mamário e, nas gatas, podem estimular a síntese local de hormônio do crescimento na glândula mamária, induzindo proliferação lóbulo-alveolar e hiperplasia de elementos mioepiteliais e secretórios. Embora a hiperplasia mamária seja mais comum em fêmeas que receberam várias aplicações durante a vida,

uma única aplicação pode ser suficiente para o desencadeamento da afecção (Romagnoli, 2015).

A distocia, por sua vez, relaciona-se ao próprio perfil biológico da progesterona, que mantém o miométrio em estado de relaxamento e influencia a dinâmica uterocervical. Assim, quando o MPA é utilizado inadequadamente, isto é, nas fases de proestro, estro ou metaestro, pode-se desenvolver parto complicado por insuficiente relaxamento da cérvix (Elisei, 2011).

A ruptura uterina pode ser compreendida como desfecho extremo de uma sequência patológica: o uso inadequado do contraceptivo pode associar-se à morte fetal e à maceração, processo séptico em que o feto retido sofre liquefação e esqueletização. A parede uterina pode tornar-se espessada, fibrosada e perfurada, e a presença de fragmentos ósseos fetais pode levar à perfuração uterina, peritonite e agravamento sistêmico (Ackermann *et al*., 2024)

Desse modo, a aparente praticidade do método contraceptivo hormonal contrasta com um potencial iatrogênico expressivo, o que justifica discutir criticamente seu uso na clínica e na medicina populacional felina. Assim, objetiva-se, com este trabalho, comunicar o prejuízo à saúde causado pelos contraceptivos progestacionais em gatas a partir de um relato de caso.

RELATO DE CASO

Felina, 3 anos, 4,8 quilos, plurípara, foi atendida com histórico de parto distócico e expulsão de quatro fetos mortos há 15 horas. Tutor afirmou ter aplicado vacina anti-cio à base de progestágenos uma única vez há exatos dois meses, próximo ao período em que a gata copulou. Apesar disso, observou-se crescimento gradual do abdômen e das mamas, indicando prenhez. Ao longo da gestação, a gata não apresentou sinais indicativos de complicações ou alterações de comportamento. Após 61 dias, a gata deu início a um trabalho de parto laborioso, o qual exigiu intervenção do tutor para a liberação dos fetos do canal de parto. Após a expulsão de quatro natimortos completamente formados, percebeu-se a interrupção das contrações abdominais e desinteresse da gata em dar continuidade ao parto. Algumas horas depois, porém, o responsável percebeu que, mesmo após a liberação dos filhotes, o abdômen da felina permanecia abaulado, além da presença de secreção vulvar sanguinolenta. Decidiu, assim, levar o animal à clínica veterinária, onde foi constatada a presença de mais um feto no interior do útero com o auxílio de ultrassonografia abdominal. No hemograma, todos os índices hematológicos estavam dentro do intervalo de referência. No exame físico, além do

abaulamento abdominal e presença de secreção vaginal, notaram-se intensas sufusões difusas na superfície abdominal (Figura 1). Durante a ovariohisterectomia, detectou-se presença de rupturas de cerca de 0,5 centímetros em corno uterino direito, cujo conteúdo foi eliminado na cavidade abdominal.

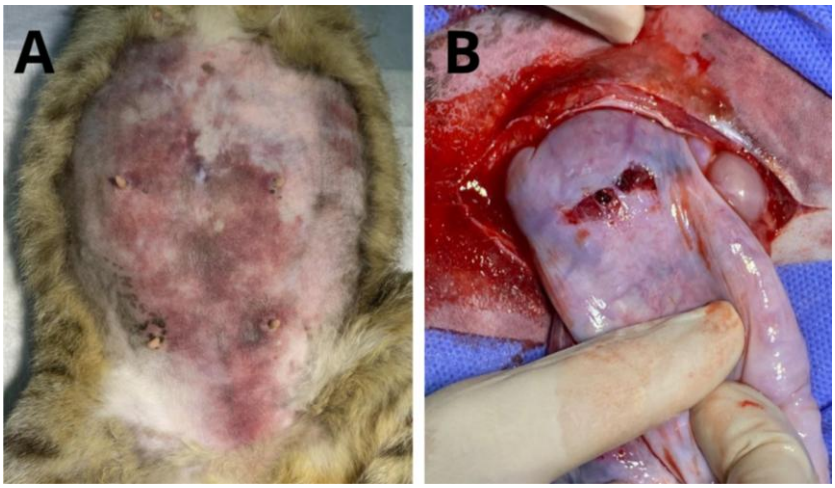

Figura 1 - Sufusões difusamente distribuídas em região abdominal (A); Presença de ruptura em corno uterino direito (B).

Em contraste, o corno uterino esquerdo, que não apresentou ruptura, ainda acomodava o último feto restante e inteiramente formado. Para o acompanhamento do quadro e do período pós-operatório, a paciente foi internada por 24 horas e recebeu antibioticoterapia, anti inflamatório e analgésicos. A paciente se recuperou totalmente e não apresentou intercorrências após o ocorrido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação de contraceptivos progestacionais nas fases de estro, metaestro e proestro é contraindicada, pois não previne a gestação e aumenta as possibilidades de efeitos colaterais (Montanha *et al.*, 2012). No relato supracitado, calcula-se que o responsável pelo animal administrou a droga na fase de estro, uma vez que o parto ocorreu após 61 dias da aplicação, totalizando o período gestacional natural de gatas. Além disso, o fato do animal não ter apresentado intercorrências nas gestações anteriores, das quais o uso de progestágenos não foi realizado, reforça a influência da droga no quadro distócico e de morte fetal apresentados.

Montanha *et al.* (2012) afirmam que progestágenos dificultam o relaxamento cervical

esperado no momento do parto, predispondo o animal a partos distócicos e morte fetal. No relato, o responsável notou o animal inquieto e com dificuldade em expulsar os filhotes, precisando intervir na remoção dos fetos no canal vaginal. Tal acontecimento pode ser compreendido, portanto, pelo relaxamento insuficiente da cérvix, impossibilitando a expulsão natural e fisiológica dos filhotes. Ainda, é possível questionar se a ruptura uterina encontrada no momento da castração pode ter sido decorrente de repetidas contrações uterinas diante de uma cérvix pouco relaxada, de modo a facilitar lacerações e rupturas das paredes miometriais.

Amaral e Silva (2025) mencionam a ruptura uterina dentre os diversos problemas reprodutivos, sendo diretamente associado ao uso de progestágenos, podendo originar quadros de peritonite, abdômen agudo, sepse e morte. Em contraste, no relato supracitado, o animal não evidenciou alterações no hemograma ou no exame físico, ainda que o útero tenha se rompido e seu conteúdo uterino extravasado para a cavidade abdominal. Uma possível explicação para a ausência de sinais sistêmicos é o curto intervalo de tempo entre o início do parto laborioso até a intervenção cirúrgica. Ainda, vale inferir que, se o responsável adiasse o encaminhamento do animal à clínica veterinária, afecções como maceração fetal, piometra, peritonite, sepse e óbito poderiam se suceder.

Nas distocias, as sufusões abdominais, como observadas na Figura 1, podem ser explicadas por diversos mecanismos, e o mais importante deles é a ruptura uterina com hemorragia associada. Apresentação semelhante é relatada por Çinpolat, Aydin e Çiplak (2023) em uma gata distócica, o que reforça como o trauma obstétrico pode se exteriorizar como alteração hemorrágica visível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se que os diversos prejuízos advindos de progestágenos devem ser criteriosamente ponderados antes de sua prescrição, especialmente em relação à fase do ciclo estral e à frequência da sua utilização. Nesse ínterim, o relato reforça a necessidade de repensar o uso de contraceptivos à base de progesterona em felinas e priorizar métodos contraceptivos mais seguros na medicina de animais de companhia.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. C. do; SILVA, A. R. Manejo do neonato canino. In: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CINOFILIA. Manual técnico de reprodução de cães, 2025. cap. 5, p. 45. Disponível em: https://cbkc.org/application/views/imagens/noticias/pdf-noticias_188.pdf. Acesso em: 8 mar. 2026.

ACKERMANN, C. L. *et al.* Métodos contraceptivos em gatas domésticas: revisão de literatura. *Ciência Animal*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 41-54, 2024. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/cienciaanimal/article/view/14555. Acesso em: 8 mar. 2026.

ÇINPOLAT, A.; AYDIN, Ş.r; ÇIPLAK, A. Y. A case of dystocia in a queen related to uterus rupture. Journal of Veterinary Case Reports, v. 3, n. 1, p. 12-15, 2023. Disponível em: https://dergipark.org.tr/tr/download/article-file/3636662. Acesso em: 8 mar. 2026.

ELISEI, A. M. M. *Inibidex: acetato de medroxiprogesterona*. Minas Gerais: Jofadel, [2011]. Bula de remédio.

LUZ, M., R; MÜNNICH, A; VANNUCCHI, C. I. Novos enfoques da distocia em cadelas. Revista Brasileira de Reprodução Animal, v.39, n.3, p.354-361, jul./set. 2015. Disponível em: www.cbra.org.br Acesso em: 8 mar. 2026

MONTANHA, F. P.; CORRÊA, C. S. D. S.; PARRA, T. C. Maceração fetal em gata em decorrência do uso de contraceptivos: relato de caso. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, v. 10, p. 1-6, 2012. Disponível em: https://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/QBCkzVM23nJtTk2_2013-6-24-14-58-19.pdf. Acesso em: 7 mar. 2026.

PAPICH, Mark G. Medroxyprogesterone acetate. In: **PAPICH, Mark G.** *Handbook of veterinary drugs*. 5. ed. [S. l.]: Elsevier, 2021. p. 560-561. DOI: 10.1016/B978-0-323-70957-6.00326-5. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/372835486_Potential_Deleterious_Effects_Following_the_First_Dose_of_Medroxyprogesterone_Acetate_as_a_Contraceptive_in_Cats. Acesso em: 8 mar. 2026.

ROMAGNOLI, Stefano. Progestins to control feline reproduction: historical abuse of high doses and potentially safe use of low doses. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 17, p. 743-752, 2015. DOI: 10.1177/1098612X15594987. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26323797/. Acesso em 8 mar. 2026.